

Formação docente na pandemia: reverberações narrativas e afetações didático-curriculares

La formación docente en la pandemia: reverberaciones narrativas y afectaciones didáctico-curriculares

Robson Guedes da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa-Brasil

Resumo

Este artigo buscou estabelecer um debate sobre o campo da educação, nutrindo-se de narrativas autobiográficas da docência no contexto pandêmico. Partindo de um olhar pós-estruturalista em/na educação, intentou refletir sobre a docência na formação de professores em seus dilemas atuais, desejando, da mesma maneira, pensar sobre os efeitos didático-curriculares da pandemia e processos de resistência contra práticas neoliberais cada vez mais presentes no cotidiano da educação, produzindo corpos precários. Como percurso metodológico, abraçou 4 (quatro) fragmentos narrativos autobiográficos, referentes a atuação docente no período pandêmico. Ao problematizá-los, discutiu-se a evidente precarização dos corpos, além dos efeitos didático-curriculares da realidade pandêmica na vida acadêmica dos estudantes de licenciatura e na formação de professores no Ensino Superior.

Palavras-chave: Pandemia; Narrativas autobiográficas; Formação docente.

Resumen

Este artículo pretendió establecer un debate en el ámbito de la educación, nutriéndose de relatos autobiográficos sobre la docencia en el contexto pandémico. A partir de una mirada post-estructuralista en educación, se propuso reflexionar sobre la enseñanza en la formación docente en sus dilemas actuales, queriendo, de la misma forma, pensar los efectos didáctico-curriculares de la pandemia y los procesos de resistencia contra las prácticas neoliberales cada vez más presentes en la educación cotidiana, produciendo cuerpos precarios. Como vía metodológica, abarcó cuatro fragmentos narrativos autobiográficos, referidos a la actuación docente en el período pandémico. Al problematizarlos, se discutió la evidente precariedad de los cuerpos, además de los efectos didáctico-curriculares de la realidad pandémica en la vida académica de los estudiantes de pregrado y en la formación de profesores en la Educación Superior.

Palabras clave: Pandemia; Relatos autobiográficos; Formación de profesores.

Introdução

Os dias de nossa atualidade vem nos mostrando como estamos expostos a formas difusas de vulnerabilidade. Nossos corpos, ao mesmo passo, vivos e precários, cada vez mais instados a um vinco constante entre viver e sobreviver, são provocados a pensar outras maneiras de habitar o mundo, de estar no presente. Sentimentos e sentidos estão articulados nesses dias para tudo o que estamos construindo como possibilidade de sobreviver, de tentar viver uma vida boa tão marcada por coisas ruins.

Já fadados de um ciclo de intensa polarização política e ferrenhas perseguições a professores, defensores dos direitos humanos, pesquisadores, etc. Eis que o nosso país se deparou em março de 2020 com um novo desafio, um novo enredo de embate, dessa vez não mais apenas no campo político, agora diante de um problema global de saúde: a pandemia do Covid 19. Enquanto boa parte dos países se empenharam/empenham na continuidade das medidas de proteção a contaminação como enfrentamento a disseminação do novo coronavírus, no Brasil, temos para além das demandas urgentes de saúde pública, a continuidade da radicalização política que já se estende no país desde 2015.

Nosso desafio durante a pandemia foi para além das medidas de isolamento social e proteção à saúde pública, lutar contra grupos negacionistas, investidas autoritárias, inúmeras disseminações de Fake News, teorias conspiratórias, desqualificação dos conhecimentos científicos, entre outras barbaridades. Aglutinando o convite de utilizarmos como possibilidade de ação política, o pensamento como ferramenta de resistência, criando reverberações constitutivas que mobilizem manifestações.

Ao refletirmos sobre o campo educacional, nos é necessário estabelecer um debate sobre os limites da educação e de como em nossa contemporaneidade, formas agressivas de precarização do trabalho docente se evidenciam e se proliferam, principalmente ao considerarmos os seus efeitos pandêmicos na atuação e formação de professores.

Neste texto, buscamos estabelecer um debate sobre o campo da educação, nutrindo-se de narrativas autobiográficas da docência no contexto pandêmico. Partindo de um olhar pós-estruturalista em/na educação, intentamos refletir sobre a docência na formação de professores em seus dilemas atuais, desejando, da mesma maneira, pensar sobre os efeitos didático-curriculares da pandemia e processos de resistência contra práticas neoliberais cada vez mais presentes no cotidiano da educação, produzindo corpos precários.

No intuito de concretizar tais anseios, construiremos inicialmente um debate em torno do período pandêmico, sobre os dilemas e tensionamentos que atravessam o campo da educação no contexto de crescente investida neoliberal nas práticas educativas. Partindo da noção de precariedade em Judith Butler, intentaremos mobilizar os ecos da afetação da pandemia, o luto e a violência, seus impactos e efeitos na atuação e formação docente.

Como ethos metodológico, abraçaremos 4 (quatro) fragmentos narrativos autobiográficos, referentes a atuação docente no contexto pandêmico. Ao problematizá-los, discutiremos a evidente precarização dos corpos em educação, além dos efeitos didático-curriculares da realidade pandêmica na vida acadêmica dos estudantes de licenciatura e na formação de professores no cotidiano do Ensino Superior.

Pandemia e educação: tensões e dilemas em tempos neoliberais

No Brasil, março de 2020 se iniciou com a surpresa como sensação que nos acometeu e nos deslocou, já noticiando o cenário de catástrofe. Uma pandemia assola o mundo fomentando inúmeras incertezas sobre o futuro. Se apresenta trazendo uma série de problemáticas acerca dos modos como estamos vivendo em sociedade, nossos contratos democráticos, nossas políticas públicas no campo da saúde nacional, as formas pelas quais o impacto econômico se localiza, etc.

Dentro deste cenário, o campo da educação, volta a problematizar a escola e sua função social no cotidiano. Fruto da produção da modernidade, a escola como conhecemos foi nitidamente deslocada pela surpresa desagradável da pandemia de Covid-19. Seu espaço foi provocado pelo distanciamento social, o processo de escolarização que se efetiva nele sofreu uma abrupta mutação para dar conta das demandas que a crise planetária de saúde mobilizou. Findado o ensino remoto, predominante entre 2020-2021 em todos os níveis da educação nacional, acumula-se demandas e urgências como reverberação do período pandêmico.

De um lado, o campo da educação já se dispunha de repertório teórico-metodológico acerca das metodologias ativas em suas tecnologias digitais, o Ensino à Distância (EAD), por exemplo, é uma realidade no país, possuindo vários polos dedicados a essa modalidade, como da mesma forma, inúmeras publicações em torno dessas temáticas.

Por outro lado, essas mesmas tecnologias informacionais e comunicacionais são atravessadas por todo um conjunto de problemáticas, tais como: o distanciamento da relação

professor-aluno; as adequações da organização do trabalho pedagógico dos professores para a viabilidade do ensino nesses formatos; as condições socioeconômicas dos estudantes do país que muitas vezes não possuem acesso à internet nem tampouco possuem aparelhos eletrônicos para participação das atividades escolares; o acentuado processo de desvalorização docente expressos no jargão da “tecnologização” dos processos educativos; dentre outras.

A racionalidade neoliberal, já presente no campo da educação, tem se utilizado desse cenário de crise, para nos seus limites e possibilidades, fomentar práticas de desvalorização do ensino, por uma cada vez acentuada mercadologização da educação. A visão neoliberal sobre a educação evidencia como crescentemente

Há sinais de que sistemas educacionais mercadorizados estão sendo reestruturados para confluírem jovens para o sistema de trabalho flexível, baseado em uma elite privilegiada, uma pequena classe trabalhadora técnica e um precariado crescente (STANDING, 2014, p.116).

Práticas neoliberais vêm funcionando na educação para transformar os sistemas escolares, tornando-os “uma parte consistente da sociedade de mercado, pressionando a educação na direção da formação de ‘capital humano’ e da preparação para o trabalho” (STANDING, 2014, p. 110). Os efeitos que notadamente podemos observar, no Ensino Superior, por exemplo, são a grande oferta de cursos de graduação e pós-graduação cada vez mais pautados em um processo formativo que valoriza concepções neoliberais como meritocracia, competitividade, capital humano e empreendedorismo; em detrimento de uma formação acadêmica preocupada com a atuação profissional e sua relação ético-política com o social.

Todas as estratégias do neoliberalismo visam produzir formas cada vez sofisticadas de precarização, essa nova razão do mundo (DARDOT; LAVAL, 2016) articula a proliferação de práticas e processos de subjetivação, possuindo como efeito de sua fabricação a transformação de “sujeitos de direitos em indivíduos-microempresas-empresendedores” (GADELHA, 2009b, p. 144). As práticas pedagógicas sob a ótica neoliberal se articulam por meio das competências, até porque:

na medida em que se reporta ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e destrezas, tem a ver também com a instituição, demarcação, medição e comparação daqueles componentes de capital humano que têm ou não valor, no e para o mercado, ou seja, dos componentes de capital humano que mereceriam ou não ser objeto de investimentos por parte dos indivíduos (GADELHA, 2009a, p. 183).

Cabe salientar, neste sentido, a importância de pensarmos como dentro de “uma perspectiva do neoliberalismo, a educação é tida, enquanto um campo minado empresarial, como prestação de serviços, que necessita estabelecer critérios que produzem políticas de exclusão” (SILVA et al., 2020, p. 127). Tais políticas são crescentemente fomentadas por variadas instituições sob o jargão do progresso e inovação.

Em torno da atuação docente nesses tempos pandêmicos – inclusive com o retorno as atividades presenciais –, estão materializadas todo um conjunto de sensações e sentimentos: a ansiedade, o medo e a falta de perspectiva para o futuro, a remuneração baixa e pouco garantida. Desafios que conformam um conjunto de dilemas que, unidos as constantes cobranças por resultados e demandas emergentes por diversas instituições de ensino durante a quarentena, que persistem nas atividades presenciais, transformam os professores em uma massa de trabalhadores precarizados, desvalorizados e atarefados.

Essa crise que envolve a docência não se iniciou durante o período da pandemia, na verdade, como pondera Santos, “desde a década de 1980 – à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro –, o mundo tem vivido em permanente estado de crise” (SANTOS, 2020, p. 5). Tampouco, seu findar se anuncia no pós-pandemia. O melhor caminho ainda não nos está evidente, as demandas se acumulam, as lutas são cada vez mais enumeráveis, práticas conservadoras e com força autoritária cada vez mais expressiva (GIUSEPPE; CAVA, 2018).

Em pandemia, nossos desafios se articulam a necessidade de nos mantermos vivos e lutarmos para que outras pessoas possam ter igualmente o direito à vida, uma vida que possa ser vivível. Portanto, campo da educação deve, nestes tempos de exceção (AGAMBEN, 2020), utilizar o pensamento como uma ferramenta de embate teórico-político intentando produzir outras possibilidades para vivermos nossas vidas resistindo às contínuas capturas neoliberais. Em reação produtiva às atuações de uma racionalidade que busca produzir subjetividades alocando nosso estar no mundo a uma experiência cotidiana no vinco entre o luto e a violência. Alvos constantes de formas difusas de violência. Superfícies corporais que, através da precariedade que apresentam, reivindicam o luto como possibilidade constitutiva, produzindo ações inesperadas.

Dias precários: luto, violência e formas de vidas danificadas

Funcionando cada vez mais por meio de uma racionalidade neoliberal, o cenário que compõe os nossos dias é caracterizado pelo sentimento constante de uma vida cada vez instada a práticas difusas de vulnerabilidade. Nosso viver se estabelece através de certa inteligibilidade social que circunscreve o que é considerado enquanto vida, quais corpos são considerados como vivos, assim como quais corpos não serão reconhecidos como vivos, corpos não passíveis de enlutamento.

Naturalizou-se um estatuto de reconhecimento do que é considerado como vida, estabelecendo enquadramentos de uma visualidade normativa sobre as vidas que deverão ser reconhecidas como vidas, produzindo da mesma maneira, formas de vidas que não importam, que não são reconhecidas, nem tampouco valorizadas como vidas, ou seja, “molduras pelas quais apreendemos ou na verdade, conseguimos apreender a vida dos outros como perdidas ou lesadas (suscetível de ser perdida ou lesada)” (BUTLER, 2015, p. 14).

Neste sentido, concebemos a precariedade, partindo de Judith Butler (2019) quando pondera que o que chamamos de vidas precárias só podem ser concebidas como ‘precárias’ se não são consideradas como vidas passíveis de luto, compreendo-a como o efeito da exposição reiterada de formas de vidas a experiência do neoliberalismo. Butler pondera que “existem meios de distribuir vulnerabilidades, formas diferenciadas de alocação que tornam algumas populações mais suscetíveis à violência do que outras” (BUTLER, 2019, p. 10). Através de toda uma produção de inteligibilidade social que naturaliza a vulnerabilidade no nosso cotidiano como marca da presença do capitalismo de mercado que vê nossos corpos como instrumento e capital humano. Legitimando, da mesma forma, práticas de exposição-produção de violência e luto.

Luto e violência vêm fazendo parte das subjetividades contemporâneas, vivemos cotidianamente com “a percepção de que podemos ser violados, de que outros podem ser violados, de que estamos sujeitos à morte pelo capricho de outrem: todos esses são motivos de medo e luto” (BUTLER, 2019, p. 10). Nossos desafios estão sempre ligados a estratégias de superar os ataques ou a possibilidade do ataque da violência, surge então o medo como o sentimento presente nas nossas narrativas hoje: medo da morte, medo da perda, medo da violência, medo da fome, medo do medo.

Em tempos pandêmicos – embora muitas vezes nos comportamos coletivamente como se estivéssemos em tempos pós-pandêmicos – vemos como o luto se acentua como parte do nosso cotidiano, ao percebermos que cada vez mais vidas morrem – em nosso país

já passamos da marca de mais de 695 mil vítimas – como resultado de um vírus avassalador que ainda se alastra pelo mundo. Unidos a uma série de desigualdades sociais, os mais afetados são grupos específicos já alvos de investimentos violentos, vítimas de uma norma de reconhecimento que vê seus corpos como não passíveis de luto. Temos igualmente neste período, formas cada mais radicais de violência que tensionam os limites democráticos de vários países pelo mundo, incluindo o Brasil, fomentando práticas violentas que visam circunscrever a precariedade em corpos vistos como dispensáveis, desvalorizados por setores conservadores. Como nos aponta Butler, ultimamente

todos testemunham a velocidade com que a desigualdade radical, incluindo nacionalismo, supremacia branca, violência contra as mulheres, homossexuais e trans, e exploração capitalista, encontram formas de reproduzir e fortalecer seus poderes dentro de zonas pandêmicas (BUTLER, 2020, p. 60, tradução nossa).

Tudo isso é efeito de inúmeras instabilidades políticas emergentes em vários países do mundo com a ascensão de grupos de extrema-direita que, alinhados a uma agenda de austeridade neoliberal, promovem posicionamentos reacionários que prezam pouco pelo debate democrático, pelo respeito e incentivo a políticas públicas para as minorias sociais e grupos étnicos. A expressão mais recorrente em governos neoliberais é a proliferação de discursos e práticas estatais e não estatais de violentas e excludentes, intentando materializar interdições nos corpos. Suas vidas, nesses termos, são dispensáveis, não quistas, não importam. Butler nos aponta que:

[...] vidas são apoiadas e mantidas diferentemente, e existem formas radicalmente diferentes nas quais a vulnerabilidade física humana é distribuída ao redor do mundo. Certas vidas serão altamente protegidas, e a anulação de suas reivindicações à inviolabilidade será suficiente para mobilizar as forças de guerra. Outras vidas não encontrarão um suporte tão rápido e feroz e nem sequer se qualificarão como “passíveis de ser enlutadas” (BUTLER, 2019, p. 52).

A violência funciona como uma engrenagem constitutiva, materializando por meio da sua ação um posicionamento discursivo que se efetiva pela força. Sua veemência reside na ação arbitrária de efetivar no outro uma força desmedida que o lesa em vários sentidos. A violência em tempos neoliberais é simultaneamente, a denúncia do fracasso do modelo neoliberal – em sua meritocracia e empreendedorismo – de governo da população, como também um dos seus instrumentos produtivos, fabricando formas de vidas violentas e violentadas. A violência, neste sentido, “[...] renova-se em face da aparente inesgotabilidade do seu objeto. A desrealização do ‘outro’ significa que ele não está nem vivo, nem morto, mas interminavelmente espectral” (BUTLER, 2019, p. 54).

Essa desrealização pode ser entendida pelo argumento, em um nível discursivo, do não encaixe em termos de enquadramento dominante do humano, ou seja:

se certas vidas não são consideradas vidas, não podem ser humanizadas [...] e que sua desumanização ocorre primeiramente nesse nível, e que esse nível então, dá origem a uma violência física que, em certo sentido, transmite a mensagem de desumanização que já está em ação na cultura (BUTLER, 2019, p. 54).

Possuindo uma relação discursiva complexa, a desumanização emerge nos limites discursivos, sua prática excludente, ou dito de outra maneira, sua violência se efetiva nos limites da vida discursiva. Cabe salientar igualmente que, essa “violência contra aqueles que já não estão exatamente vivos, ou seja, estão vivendo em um estado de suspensão entre a vida e a morte, deixa uma marca que não é uma marca” (BUTLER, 2019, p. 57).

O ato de se enlutar pelas vidas que não são passíveis de luto, é potencialmente político, estabelecendo tensões performativas que rompem com o silêncio e a melancolia, reivindicando uma ação política contestatória mais ampla, um acontecimento que produz efeitos inesperados pelas forças neoliberais que intentam cada vez mais governar nossas vidas. Assim, nesses dias de pandemia, o luto tem se apresentado como uma encenação importante que, através de sua teatralidade espontânea (BUTLER, 2018), articula provocações que contestam as engrenagens que produzem a distribuição desigual da vida, suas condições e vulnerabilidade.

Percurso metodológico

Abraçamos como repertório metodológico o uso da narrativa autobiográfica, que em seu caráter qualitativo, viabiliza todo um conjunto de possibilidades formativas no campo educacional. Em sua ação investigativa, tal opção:

[...] permite que seja concedida uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam [...] constitui uma abordagem que possibilita ir mais longe na investigação e na compreensão dos processos de formação e dos subprocessos que o compõe (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 23).

Constituindo-se, dessa forma, como potente instrumento de pesquisa no campo da atuação e formação docente, haja vista que aglutina em seu exercício um permanente efeito produtivo na subjetividade nos atores envolvidos em sua ação.

Na tessitura da investigação, como gesto procedimental, decidimos pela problematização de 4 (quatro) fragmentos de um diário docente¹, correspondente aos semestres letivos 2020.2, 2021.1, 2021.2, 2022.1 no Ensino Superior público, tanto durante o

ensino remoto, no período híbrido e no retorno gradual e permanente das atividades acadêmicas presenciais.

A escrita presente no diário narrativo é reverberação das práticas construídas nos componentes curriculares de didática – voltados para cursos de licenciaturas diversas – e estágio de formação de professores na Educação de Infantil e no Anos Iniciais do Ensino Fundamental – voltados para cursos de licenciatura em Pedagogia –. Os fragmentos estarão fortemente embebidos de sentimentos, inquietações, fabulações e devires.

Os fragmentos postos em evidência na escrita deste texto, ensejam ampliar as tensões sobre o debate profícuo entre docência e produção de conhecimento, proliferando escritas sobre os processos cotidianos nas práticas de ensino de formação de professores. Assim, acreditamos que a criação de uma docência provocativa, que interroga permanente sua ação didático-curricular, contribui “de uma maneira notável para o estabelecimento dessa espécie de círculo de melhoria capaz de nos introduzir em uma dinâmica de revisão e enriquecimento de nossa atividade como professores” (ZABALZA, 2004, p. 11).

Docência no contexto pandêmico: reverberações narrativas e efeitos didático-curriculares

Os processos educativos durante a pandemia foram crescentemente afetados, tanto pelo cenário de calamidade na saúde pública – reverberando nas práticas do campo da educação – quanto pelos diversos desafios que se apresentaram para as instituições de ensino – em seus diversos níveis – haja vista a impossibilidade de atividades presenciais.

Se as problemáticas do fazer docente versadas nas indagações ‘como fazer? Por que fazer?’ Já estavam presentes nas articulações teórico-analíticas do campo da didática e formação de professores, com a pandemia, novas perguntas emergiram, trazendo provocações importantes para serem debatidas. Pensar, neste período pandêmico, na formação inicial de professores, requer como gesto próprio do presente, refletir acerca das práticas pedagógicas dos professores formadores que, também inseridos em desafios da nossa atualidade, estão expostos a diversas formas difusas de saberes e práticas docentes. Como efeito dessa intenção, segue fragmento 1:

Em meio ao cenário pandêmico, dar aula se tornou um momento potente de interrogar as questões que atravessam a docência hoje. Meu maior desafio tem sido o manejo teórico-metodológico, ou seja, tecer uma sala de aula em formato remoto de modo que os atravessamentos educativos se tornem possíveis. Planejar, gravar, conferir a internet, slides, água. As aulas seguem, em fuga do vírus. Começo às 07h, vou dormir às 00h40, plantão docente (DIÁRIO DOCENTE, 2020.2, fragmento 1).

O ensino, o planejamento, a pesquisa e a avaliação tomaram novas formas e formatos durante a pandemia, merecendo, sob esta ótica, um destaque especial nas práticas pedagógicas daqueles que formam os professores, uma vez que essas atividades mobilizam a construção da identidade profissional dos licenciandos. Os saberes engendrados pelos docentes durante o período pandêmico são nitidamente nutridos pela provocação da disrupção, da interrupção de uma inteligibilidade sobre o educar (KOHAN, 2020).

O ensino na graduação, construído e expresso de modo intencional, sistematizado e pedagógico – como uma prática social, política, histórica e cultural para o desenvolvimento humano – foi desafiado a ser reinventado, repensado e renovado. Não podemos, em vista disso, perceber o ensino desconectado do contexto social, mas precisamos entendê-lo como uma prática educacional historicamente situada em distintos contextos. É nessa perspectiva que Selma Garrido Pimenta (2019, p. 29) pondera que “[...] o ensino, objeto da Didática, é o processo de organização e viabilização da atividade de aprendizagem em contextos específicos para esse fim”.

As práticas didático-pedagógicas intuídas como ferramentas condutoras e subjacentes ao trabalho docente dos diversos componentes curriculares devem, como atitude crítica, com foco no ensino-aprendizagem, buscar compreender e problematizar seu funcionamento, sua articulação com o social e, sobretudo, as implicações que o cotidiano da vida impõe a sua materialidade no ambiente educativo. Cabe salientar que, certos conjuntos de saberes sobre o fazer docente, amalgamados em disciplinas nos cursos de formação de professores – como didática, práticas de ensino, estágios supervisionados, etc. –, passaram a ser, como afirma Pimenta

uma possibilidade de contribuir para que o ensino, núcleo central do trabalho docente, resulte nas aprendizagens necessárias à formação dos sujeitos, em relação, equipados para se inserirem criticamente na sociedade, com vistas a transformar as condições que geram a desumanização (PIMENTA, 2019, p. 34).

Com o cenário em questão, novos contornos traçaram as demandas do campo da educação, principalmente no que concerne a formação de professores e a construção dos saberes docentes pelos estudantes de licenciaturas em formação durante a pandemia do Covid-19. A marca precisa dos desafios de nossa atualidade, provoca os embates em torno de uma multidimensionalidade no processo ensino-aprendizagem (CANDAU, 2006), quando

pensamos que até a educação, enquanto campo do saber, se encontra como alvo de perseguições negacionistas.

E não apenas de perseguição se encontram como alvo os professores, há todo um conjunto de implicações corporais e mentais fortemente atreladas a atuação e formação docente na contemporaneidade. Vejamos o fragmento 2:

Chego na sala de aula do Google Meet para mais um dia pandêmico, um a um, os estudantes vão ingressando. Vários deles já atuam na educação básica e relatavam a noite mal dormida no preparo de variadas demandas concernentes a ação docente. Numa interdependência surpreendente, me percebi eu, exatamente junto a eles no fluxo da mesma madrugada (entre 00h e 3h), mergulhando nas demandas que o ensinar amalgama. Percebemo-nos uma assembleia solitária que, em meio ao vírus, articulava a proliferação de saberes na busca da descontaminação do mundo. A aula foi sobre isso (DIÁRIO DOCENTE, 2021.1, fragmento 2).

Os professores das universidades e das redes municipais e estaduais de ensino, embora detenham trajetórias distintas, acumulam demandas e desafios similares no decorrer da pandemia, acometidos por inúmeras dificuldades, sejam elas de conexão de internet, materiais impressos, aparelhos eletrônicos, etc. Na atuação docente “o impacto das tecnologias da informação e da comunicação sobre os processos de ensino–aprendizagem obriga a buscar novas estratégias pedagógicas” (CANDAU; KOFF, 2015, p. 331), ou seja, cada vez mais, os professores são atravessados por desafios próprios aos formatos de ensino, sejam eles remotos, híbridos ou presenciais.

Os estudantes das licenciaturas, neste contexto, instados a uma formação de professores em plena pandemia, ficaram afastados entre 2020 e 2021 das possibilidades de práticas curriculares nos estágios supervisionados, haja vista que em muitas unidades de ensino estavam proibidas atividades presenciais. As salas de aulas, artefatos mais notórios do que concebemos como contexto de ensino (MACEDO, 2012), com seus cartazes, pinturas e avisos; às unidades de ensino com seus corredores e espaços; se encontraram distantes das experimentações docentes - efetivada pelos discentes - comumente construídas nos cursos de licenciaturas. Toda uma pedagogia – enquanto campo de saber da educação (SILVA, 2020) – é deslocada pelas perspectivas que atravessam nosso presente. E a profissão docente, como afirma, Imbernón

[...] já não é a transmissão de conhecimento acadêmico ou a transformação do conhecimento comum do aluno em um conhecimento acadêmico. A profissão exerce outras funções: motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade [...]. E, é claro, requer uma nova formação: inicial e permanente (IMBERNÓN, 2014, p. 14).

Assim, neste contexto pandêmico, questões ainda importantes para o campo da educação emergem como possibilidades críticas para pensarmos o presente e quais caminhos trilhar na construção da organização e a viabilização da aprendizagem que auxilia no desvelamento dos caminhos possíveis para a efetivação e a produção do conhecimento.

Já na perspectiva do retorno gradual das atividades acadêmicas, da larga abertura das atividades sociais no país e do retorno pleno das atividades presenciais, os fragmentos 3 e 4 ponderam o seguinte:

Primeiros dias do semestre letivo em formato híbrido. Há um misto de sentimentos, uma expectativa de reencontros e uma vontade de devir. Sinto ainda a pandemia na docência, me lembrando no sufocar da máscara que tudo será diferente. Alguns problemas me atravessam: a didática e o currículo, seus contornos e efeitos na materialidade da ação pedagógica no formato híbrido. O principal debate apresentado pelos estudantes nas aulas, em meio a polifonia de suas denúncias (questões econômicas, emocionais, físicas e sociais), tem sido uma evidente precarização de seus corpos (DIÁRIO DOCENTE, 2021.2, fragmento 3).

No semestre letivo de 2022, a universidade já retoma suas atividades presenciais em totalidade. Na disciplina de didática há nos estudantes uma expectativa de experimentar a vida acadêmica e transpor o que de negativo acumularam da vivência no contexto remoto. Nesses primeiros meses, vejo dois grandes contrastes: de um lado um grupo de estudantes que começam a aprofundar os laços nunca tecidos junto a vida acadêmica, ao passo que o outro grupo ainda sente os impactos do formato remoto na construção de suas percepções sobre a vida universitária (DIÁRIO DOCENTE, 2022.1, fragmento 4).

É indispensável aos professores formadores e aos estudantes dos cursos de licenciatura, um espaço para escuta e partilha de saberes, visto que são nesses espaços que viabilizam a expressão de suas percepções de mundo, além de articular para os estudantes o subsídio da análise dos seguintes questionamentos – próprios da construção identitária docente –, de modo integrado, crítico e tecido de suas experimentações com o mundo: o que ensinar? Por que ensinar? E como ensinar? (FRANCO, 2013).

Da mesma forma, quando falamos de práticas do currículo, referimo-nos a todo um conjunto de inteligibilidades em constante disputa, “pensar um currículo como espaço de possibilidades e como território onde as forças podem ‘deformar’ as formas de um currículo, instaurando o movimento que é fundamental para o aprender” (PARAÍSO, 2015, p. 50).

Aqui novos contornos se concatenam como possibilidade formativa, viabilizando outras formas de produzir currículo, no suceder das práticas didáticas percebemos cada vez mais a urgência de uma reivindicação política dos estudantes em torno de suas possibilidades corporais. De maneira enfática, o corpo, tão disputado no campo educacional, rearticula-se

como objeto de suas problematizações, como antecipação da incorporação da docência, atestam, tal como aponta Judith Butler, como é necessário

[...] reivindicar que os corpos tenham aquilo que precisam para sobreviver, uma vez que a sobrevivência definitivamente é uma condição para todas as outras reivindicações que fazemos. Ainda assim, essa reivindicação se prova insuficiente, porque sobrevivemos exatamente para viver e porque a vida, por mais que requeira a sobrevivência, deve ser mais do que sobrevivência para ser uma vida possível de ser vivida. Uma pessoa pode sobreviver sem que consiga viver a própria vida. E em alguns casos, não parece valer a pena sobreviver nessas condições. Então, para uma vida possível de ser vivida, ou seja, uma vida que possa ser vivida, é necessária uma reivindicação mais ampla (BUTLER, 2018, p. 229).

A precarização dos corpos é presente no cotidiano da docência: seja na formação e na atuação docente, seja nas condições de acesso e permanência ao Ensino Superior, seja nas condições de trabalho e planos de cargo-carreira, seja nas inúmeras práticas violentas as quais professores/as são vitimados. Toda uma maquinaria neoliberal investe na vulnerabilidade docente.

Embora componha um largo debate no campo educacional, esse conjunto de desafios não ornaram um novo paradigma de crise, na verdade, como aponta Alfredo Veiga-Neto, “no Brasil de hoje, por exemplo, não é exagero identificar pelo menos cinco tipos de crises que se combinam, se interpenetram e se reforçam mutuamente: covídica, econômica, política, ética e estútil” (VEIGA-NETO, 2020, p. 10).

Tal cenário aberrante, é efeito de uma produção desigual das condições de possibilidade de vida, implicando nos corpos precários formas sofisticadas de violência. Como pondera Butler,

[...] os poderes que organizam a vida, incluindo aqueles que expõem diferencialmente as vidas à condição precária como parte de uma administração maior das populações por meios governamentais e não governamentais, e que estabelece um conjunto de medidas para a valoração diferencial da vida em si (BUTLER, 2018, p. 216).

Essa valoração diferencial da vida é uma das denúncias mais recorrentes na discursividade da formação de professores. Na atuação docente o embate não destoa. O campo da educação é cada vez mais atravessado pela provocação criativa em torno da criação e proliferação de práticas de enfrentamento a precarização docente. Na trincheira de possibilidades outras em educação, a multiplicidade, tão presente no cotidiano das práticas educativas, talvez possa despontar como viabilidade de pensamento, já que nestes tempos

pandêmicos, a ausência da coletividade dos corpos, amalgamou significativas perdas. Compreendemos junto a Tomaz Tadeu da Silva, que a multiplicidade

[...] é ativa, é um fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças - diferenças que são irredutíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. A diversidade é um dado - da natureza ou da cultura. A multiplicidade é um movimento. A diversidade reafirma o idêntico. A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o idêntico (SILVA, 2003, p. 13).

Sempre reivindicatório de multiplicidade, o campo da educação urge a necessidade da partilha, do sensível, da afetação, da experimentação, como efeito das práticas educativas. Na reivindicação objetiva de que “no território do fazer curricular é possível ver improvisações, encontros, emoções... É possível encontrar sensações provocadas pelas forças das experimentações curriculares e a vivência de alegrias (PARAÍSO, 2009, p. 290).

Os fragmentos postos em evidência proliferam narrativas cotidianas da docência, permeada de inúmeras relações de poder. Como gesto disruptivo, tal como aponta Marlucy Paraíso, acreditamos que em nossa contemporaneidade, no que se refere a formação e atuação docente, devemos:

Desaprender! Desfazer! Desarrumar! Aumentar sem limite o bom humor, o abrir-se às sensações, o alegrar-se com o conhecimento de nós mesmas/os e de nossos/as alunos/as. Praticar a generosidade colocando o que sabemos e conhecemos à disposição de nossos/as alunos/as para transformar os encontros tristes. Buscar as causas das alegrias nossas e de nossos/as alunos/as! Conhecer as combinações potentes, as afinidades e as afirmações! Conhecer aquilo que, quando combinado, amplia nosso próprio impulso vital! (PARAÍSO, 2015, p. 57).

Portanto, é através de um processo de ação- reflexão e reflexão-ação, potencializado pela multiplicidade, que poderemos constituir outras configurações, propondo novas perspectivas para pensar a educação na atualidade. António Nóvoa pondera que “[...] a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino [...]” (NÓVOA, 2000, p.17), cabe-nos, partindo desse pressuposto, uma ferrenha problematização no campo da didática e do currículo em torno da identidade docente, fortemente metamorfoseada nesses tempos pandêmicos. O pensamento, em sua provocação criativa perene, desponta como um instrumento potente para pensarmos nosso presente, e na multiplicidade de corpos na educação, reivindicarmos outras reverberações didático-curriculares no cotidiano da docência.

(Des)considerações finais

Este artigo, inquieto com o presente se lançou a pensar nossos dias, buscando tensionar os efeitos didático-curriculares mediante análise de 4 (quatro) fragmentos narrativos autobiográficos sobre os dilemas e desafios que permeiam a docência e a formação docente no contexto pandêmico.

As diversas problematizações aglutinadas nos fragmentos do diário docente anunciam que as demandas educacionais não perderam suas urgências, e que produções acadêmicas que desejam tensionar a atuação e formação de professores são potentes e mobilizadores de novos contornos didático-curriculares. Articulando modos outros de se pensar a docência e de produção de conhecimentos em educação.

Assim, é entrevedo as reverberações de práticas neoliberais fabricando formas de vidas danificadas, que percebemos o pensamento como um instrumento potente para pensarmos nosso presente e viabilizarmos reivindicações políticas mais amplas, em coro a multiplicidade de corpos na educação.

Referências

AGAMBEN, Giorgio et al (Orgs.). **Sopa de wuhan**. Madri: ASPO, 2020.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus limites. In: AGAMBEN, Giorgio et al (Orgs.). **Sopa de wuhan**. Madri: ASPO, 2020.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida e passível de luto?** Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. 1ª ed. - Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2018.

CANDAU, Vera Maria. O/A Educador/a como agente cultural. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth.; ALVES, Maria Palmira (Orgs.). **Cultura e política de currículo**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

CANDAU, Vera Maria; KOFF, Adélia Maria. A Didática hoje: reinventando caminhos. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.40, n.2 ,p.329-348, abr/jun, 2015.

Pandemia, precariedade e educação: reverberações narrativas e efeitos didático-curriculares

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRANCO, Maria Amélia. Didática: uma esperança para as dificuldades pedagógicas do Ensino superior? **Práxis Educacional**, v. 9, n. 15, p. 147-166, 2013.

GADELHA, Sylvio. Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação & Realidade**. V. 34, n. 2, p. 171, mai/ago, 2009a.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**: introdução e conexões a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009b.

GIUSEPPE, Cocco; CAVA, Bruno. **Enigma do disforme**: neoliberalismo e biopoder no Brasil global. 1. ed. - Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2014.

KOHAN, Walter. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Revista Práxis Educativa**, v.16, 2020.

MACEDO, Elizabeth. Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino. **Cadernos de Pesquisa** v.42 n.147 p.716-737 set./dez. 2012.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, António (org.) **Vida de professores**. 2 ed. Porto: porto editora, 2000.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 277-293, maio/ago. 2009.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Um currículo entre formas e forças. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 49-58, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido. As ondas críticas da Didática em movimento: resistência ao tecnicismo/neotecnicismo neoliberal. In: CLÁUDIO, M. S.; NASCIMENTO, O. C.; ZEN, G. C.(org.). **Didática**: abordagens teóricas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SILVA, Robson Guedes da; RODRIGUES, Ana Flor Fernandes; FERNANDES, Diogo Pedro da Silva; ALVES, Karina Mirian da Cruz Valença. Neoliberalismo e educação: notas de uma racionalidade excludente. **Revista Inter Ação**, v. 45, n. 1, p. 123-133, maio, 2020.

SILVA, Robson Guedes da. Sobre a pedagogia em disputa: entre perspectivas e desafios no campo da educação. **Revista Filosofia e Educação**, v. 12, n. 1, p. 209- 217, junho, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. Manifesto por um pensamento da diferença em educação. In: CORAZZA, Sandra; SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 9-17.

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109337, 2020.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Nota

ⁱ Vale salientar um aspecto importante no bojo da enunciação metodológica: os fragmentos fazem parte do diário pessoal docente do autor deste artigo, ao lecionar como professor substituto entre 2020 e 2021 na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e também da atuação docente já como professor efetivo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no decorrer do ano de 2022.

Sobre o autor

Robson Guedes da Silva

Professor Adjunto do Departamento de Metodologia da Educação, no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (DME-CE/UFPB). Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Educação para Sexualidade pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Líder do Laboratório de Educação, Processos de Subjetivação e Sexualidades (ELÃ-UFPB/CNPq). Pesquisa nas temáticas: didática, corpo e performance, teoria queer e educação para sexualidade. E-mail: robsonguedesoo@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0165-1430>.

Recebido em: 19/01/2023

Aceito para publicação em: 11/06/2023